

A ALEGORIA DO CASTELO COMO REFLEXO DO PENSAMENTO OCIDENTAL MODERNO

LÓREN CRISTINE FERREIRA CUADROS¹; HELANO JADER CAVALCANTE
RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – cuadroslorencristine@gmail.com

²Universidade Federal da Paraíba – hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Firmado nos métodos empregados no campo da Literatura Comparada, o presente projeto analisa as obras “Castelo interior”, de autoria da freira carmelita espanhola SANTA TERESA DE JESUS (1588); da novela “Bartleby, o escrevente”, do americano HERMAN MELVILLE (1853); e do romance “O castelo”, do autor boêmio FRANZ KAFKA (1926). Tomando por base as noções de transmissão da representação ao longo dos tempos e de imagem dialética conforme propostas pelos filósofos culturais alemães ABY WARBURG (2015) e WALTER BENJAMIN (2018), respectivamente, a pesquisa busca investigar a presença da alegoria do castelo/palácio nas obras supracitadas, frisando as transformações sofridas pelo conceito de autoridade e por sua assimilação pelo indivíduo dos primórdios da Idade Moderna no século XVI até o limite da contemporaneidade no século XX. Por conseguinte, também é analisada como parte deste projeto a mudança de panorama em relação às noções de potência e de vida interior ao longo do período em questão.

O livro devoto “Castelo interior” apresenta a possibilidade de uma experiência de vida interior centrada em Deus como autoridade interna a ser encontrada: no texto de Santa Teresa, a alegoria do castelo representa a alma e somente por meio da interiorização o indivíduo é capaz de percorrer suas moradas até encontrar-se com a Majestade que vive no aposento central. O estabelecimento de um foco espiritual ao qual todas as faculdades e afetos devem ser direcionados faz com que a experiência de “mergulho” na própria alma abra o indivíduo à relação autêntica com os demais.

Já na novela de Melville, publicada no auge da industrialização dos EUA em meados do século XIX, o leitor se depara com o experimento social e espiritual do funcionário Bartleby: sua experiência de interiorização toma o próprio indivíduo como autoridade e percebe-se uma impossibilidade de conciliação entre as vidas interior e exterior, posto que, quando o jovem escolhe viver no limite, desprendendo-se de quaisquer comodidades que o trabalho como empregado em um escritório de advocacia em Wall Street poderia oferecer, seu comportamento o torna incompreensível aos olhos do chefe, dos colegas e de outros trabalhadores da-quele ambiente fervilhante de Nova York. Assim, à medida que renuncia à comunicação – o que se dá de maneira progressiva ao longo da narrativa –, o escrevente é ostracizado e preso, vindo a falecer em razão de sua opção radical por “viver para dentro” em um mundo voltado para o exterior, para as aquisições e sucesso financeiro.

Finalmente, o romance de Franz Kafka apresenta uma ideia de autoridade externa ao homem e projetada no sistema burocrático (para o qual o castelo serve

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Esta comunicação científica apresenta de forma resumida alguns dos resultados encontrados até o presente momento ao longo do desenvolvimento da tese de doutorado de sua autora.

de alegoria) que governa a aldeia à qual chega o misterioso agrimensor K. em uma noite de nevasca. O anseio por aprovação move o protagonista, que, em sua busca por autonomia e sucesso, isola-se, explora a si mesmo e se exaure até que a sub-jetividade – seu traço distintivo durante boa parte da narrativa – perde espaço e a personagem passa a conformar-se à lógica de dominação e homogeneização dos aldeões imposta pelos meandros adotados pelo castelo.

Se nos textos de Santa Teresa e de Melville há uma relação entre vida interior e potência – ao colocar-se em contemplação, o indivíduo restaura o ato à potência (de ser ou não ser, conforme salienta GIORGIO AGAMBEN [2015]) –, no romance de Kafka há vontade de potência (nos moldes sugeridos por FRIEDRICH NIETZSCHE [2011]) jamais consolidada de forma plena. No rescaldo do Humanismo da Renascença, um movimento vertiginoso do teocentrismo medieval em direção ao antropocentrismo moderno fez com que a perspectiva em relação à autoridade e à potência se transformasse na Europa. Esse novo ponto de vista aprofundou-se (sobretudo após a Revolução Industrial) à medida que o homem “sacralizou” as instituições e seus representantes, dando vazão a uma forma de vida pausada por aquilo que o psicanalista ERICH FROMM (2003) veio a definir como “ética autoritária”.

O prospecto inicialmente desenvolvido pelo Humanismo Renascentista e pelo Racionalismo pressupunha uma libertação do homem em relação às amarras teológicas. Todavia, como a ficção de Kafka e a filosofia de Benjamin vieram a sugerir, sem perceber e iludido pela impressão de autonomia, o homem atrelou-se ao trabalho e ao progresso, que assumiram status “divino”. Desse modo, a exteriorização do ser humano toma forma na fetichização da mercadoria, na vontade de potência associada à posição de poder, no endeusamento de uma autoridade ex-terna etc.

No romance analisado, por exemplo, K. não consegue atingir a potência por meio da transgressão das regras impostas pelo castelo tal como se poderia assumir a partir das proposições do autor francês GEORGES BATAILLE (2020). Além disso, mesmo a vontade de potência nietzschiana associada à personagem acaba por ser neutralizada por intermédio da burocracia instaurada pela instância dominante sempre inatingível. Por outro lado, a busca da morada central e a consequente possibilidade do encontro com a autoridade divina máxima apresentam-se como objetivos satisfatórios potencialmente atingíveis através da perseverança e da renúncia. De fato, a voz narradora sugere em diversos momentos que um homem e uma mulher (frequentemente associados por comentadores a São João da Cruz e à própria Santa Teresa de Jesus) chegaram a alcançar o nível mais elevado de oração ao qual faz referência. Aliás, embora a obra tenha sido concebida considerando um público leitor composto por monjas enclausuradas, tornou-se um livro de interesse também para os leigos, uma vez que aponta que qualquer indivíduo pode viver o recolhimento da oração em diferentes níveis.

Por sua vez, a tentativa de Bartleby não apresenta resultado satisfatório, posto que, na narrativa de Melville, a libertação em relação à autoridade externa pressupõe a cessação da existência. Destarte, o homem moderno viveria sempre constrangido por instâncias externas que regulam sua vida e às quais deve se adequar. Além disso, a religiosidade do advogado para quem o escrevente trabalha é reflexo de uma prática da fé superficial e de base social que apresenta relevância no mundo dos negócios no qual as personagens da novela se veem imersas. Em outras palavras, toda tentativa de cultivar uma vida interior não deveria interferir na produtividade e comportamento considerado aceitável no ambiente de trabalho da

acelerada Wall Street, caso contrário seria necessariamente tolhida (mesmo de maneira radical, como no caso de Bartleby).

2. METODOLOGIA

Partindo de uma perspectiva relacionada ao materialismo histórico e dialético, esta pesquisa se baseou na comparação de excertos vinculados à descrição de estruturas arquitetônicas análogas a um castelo extraídos das obras selecionadas e na posterior análise desse material a partir do embasamento teórico introduzido neste resumo, com destaque para os conceitos de imagem dialética e transição da representação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “O castelo”, toda vez que K. pensa estar se aproximando de seu objetivo, seu intento é frustrado e ele percebe que está diante de apenas uma camada das inúmeras que compõem o labirinto burocrático pelo qual é cercado. Por fim, a conformação substitui a vontade de potência inicial, caso contrário o protagonista teria o mesmo destino de Bartleby. Fundamentalmente, observa-se que o retorno da alegoria do castelo em três momentos da Idade Moderna assinala um anseio pela vida interior associada ao plano simbólico, antítese do pensamento cartesiano.

Como Santa Teresa de Jesus faz em relação ao castelo da alma (cujo engaste é o corpo e a porta de entrada é a oração), K. “sacraliza” o castelo da aldeia, porém, esse espaço permanece praticamente inacessível à personagem do romance de Franz Kafka, que só consegue adentrar dependências periféricas da construção. Dessa maneira, o acesso ao castelo representa a aprovação do indivíduo pela autoridade. Em oposição à forma de vida medieval, o homem moderno posicionou no exterior o que antes era visto como interior: em uma perspectiva se-cular, verifica-se o contraste entre as noções de ética autoritária e humanista discutidas por Erich Fromm (2003). A estrutura labiríntica encontrada nas obras datadas de 1588 e 1926 corrobora o raciocínio: o castelo interior contém um labirinto cuja travessia envolve várias adversidades, mas que apresenta destino definido e alcançável. Já no castelo da aldeia no qual K. pretende ingressar há um labirinto interminável com desafios intratáveis que anulam os esforços do indivíduo.

Se, por um lado, na obra de Franz Kafka não há acesso ao castelo e na de Santa Teresa de Jesus o caminho é indicado, mas a possibilidade de sucesso da tentativa é apenas sugerida; por outro, a personagem Bartleby é a única a adentrar efetivamente o “castelo/palácio” e tal fato consolida sua permanência na potência. Em suma, no castelo descrito pela mística de Ávila, a maior potência pode ser encontrada na morada central, cuja visão transcende o raciocínio lógico e é impossível expressar em palavras; no castelo da aldeia há desilusão associada ao sistema despótico que tolhe a potência do indivíduo. Bartleby, por sua vez, permanece em suspenso (sobretudo por meio de sua célebre fórmula) entre a potência de ser e de não ser até que, encarcerado nos *Halls of Justice* (palácio presente na narrativa), onde o estado de suspensão atinge seu ponto mais radical, o pálido rapaz falece.

4. CONCLUSÕES

Na célebre obra “Passagens” (2018), Walter Benjamin busca identificar e desmistificar o “sonho” do século XIX tal como se apresentava nas construções culturais da época – como as passagens parisienses às quais faz referência –, que

logo se tornaram obsoletas. O filósofo afirma que todas as eras são perpassadas pelo sonho e associa esse eterno retorno ao inferno. A arquitetura tipicamente me-dieval se liga ao segredo enquanto a moderna se associa à transparência: tal como Benjamin (2018) já indicava no início do século XX, esta emprega cada vez mais materiais como o aço e o vidro, nos quais todo “rastro humano” se perde.

O castelo é inatingível e o retorno infernal se instala quando K. é dominado pela vida exterior cujo ritmo é ditado pelo sistema que o subjugua. De modo similar, conforme a humanidade avança ao longo dos anos, a alegoria do castelo se afasta da vida interior para se aproximar de um modo de ser voltado ao exterior; a valorização da mobilidade social e do universo da mercadoria ganha o espaço que antes era reservado ao mundo interno (análogo ao inconsciente e/ou ao espírito).

Analisando por meio da metodologia proposta por Warburg (2015) e Benja-min (2018) a alegoria presente em obras publicadas em momentos diferentes da Idade Moderna, esta pesquisa faz uma leitura fragmentária da história cultural oci-dental nesse período, “escovando a história a contrapelo” e frisando a transmissão da imagem do castelo como indício de um apelo do inconsciente coletivo do Oci-dente por maior atenção à vida interior tal como sugerem filósofos contemporâneos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Bartleby, ou da contingência – seguido de Bartleby, o escrevente**. Tradução de Vinícius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BATAILLE, G. **O Erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2020.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DE JESUS, T. **Castelo interior**. Tradutor não identificado. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2020.

FROMM, E. **Ética y psicoanálisis**. Fondo de Cultura Económica, México. 2003. Acessado em 16 jun. 2022. Online. Disponível em: <http://psicoanalisiscv.com/wp-content/uploads/2013/04/%C3%A9tica-y-pscioan%C3%A1lisis-fromm.pdf>

KAFKA, F. **O castelo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MELVILLE, H. Bartleby, o escrevente. Tradução de Tomaz Tadeu. In: AGAMBEN, G. **Bartleby, ou da contingência – seguido de Bartleby, o escrevente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 53-105.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

WARBURG, A. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços, conferências. Organização de Leopoldo Waizbort. Tradução de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.